

UM ESTUDO SOBRE A SEXUALIDADE EM FOUCAULT A PARTIR DA OBRA DE 1976: 'A VONTADE DE SABER'

A STUDY ON SEXUALITY IN FOUCAULT BASED ON THE 1976 WORK: 'THE WILL TO KNOWLEDGE'

Eunice de Sousa Silva¹

RESUMO: Esta produção textual tem o propósito de esclarecer a temática da sexualidade a partir das contribuições de Michel Foucault (1926-1984). Refere-se a uma pesquisa onde a sexualidade é tomada enquanto discurso científico, ou seja, o que se pretende abordar é o que historicamente se enuncia acerca da sexualidade humana, tornando-a assim, um poder. O propósito é analisar a história dos discursos sobre sexo a partir das relações de poder, teremos como base o pensamento de Michel Foucault tomando-o como principal para investigação sobre o tema sexualidade, em meio à construção discursiva. E para realização de tal debate, as reflexões serão a partir do primeiro volume da obra *História da sexualidade; a vontade de saber* (1976). É com esta obra que Foucault dá início a seus primeiros escritos sobre o conceito de sexualidade no ocidente, investigando o século XIX como a época marcada pelo fenômeno da intensa produção de teorias sobre a sexualidade, pondo em contraponto, a hipótese repressiva.

Palavra-chave: Biopolítica, incitação ao discurso, poder-saber.

ABSTRACT: This textual production aims to clarify the theme of sexuality from the contributions of Michel Foucault (1926-1984). It refers to a research where sexuality is taken as a scientific discourse, that is, what is intended to be addressed is what is historically enunciated about human sexuality, thus making it a power. The purpose is to analyze the history of discourses about sex from power relations, we will be based on the thought of Michel Foucault taking it as the main for investigation on the subject of sexuality, in the midst of discursive construction. And to conduct such a debate, the reflections will be from the first volume of the work *History of sexuality; the will to know* (1976). It is with this work that Foucault begins his first writings on the concept of sexuality in the West, investigating the nineteenth century as the time marked by the phenomenon of intense production of theories about sexuality, putting in counterpoint the repressive hypothesis.

Keyword: Biopolitics, incitement to discourse, power-to-know.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. Email: eunicesousa1988@gmail.com

INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade não foi um tema privilegiado pela História da Filosofia na sua tradição, ou seja, pensar, analisar e refletir ideias sobre a sexualidade não é uma tarefa habitual da Filosofia. O mérito de Michel Foucault é exatamente trazer este tema para o debate filosófico contemporâneo. Tendo em vista tal debate é que lançaremos mão do pensamento de Michel Foucault, do seu olhar filosófico e, sobretudo crítico, sobre o discurso da sexualidade humana. De início tentaremos compreender a partir da análise do primeiro volume da *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*, o que se inscreve, o que se relata o que se diz, e, também, o que nos é velado e proibido, quando o assunto é sexo em seu discurso enunciado.²

Nosso ponto de partida neste estudo é então representar o porquê da sexualidade ser mantida como dispositivo de poder pela sociedade? E como os dispositivos de saber-poder em relação à sexualidade se constituem em práticas de condutas na modernidade?

Na primeira seção do presente texto pretendemos nos reportar ao que Foucault designa como *A Vontade de Saber* fazendo assim, uma contextualização em que o conceito de sexualidade está inserido, através do que designamos como os dois aspectos do projeto foucaultiano: as perspectivas arqueológicas e genealógicas, concebidas enquanto métodos de investigação. De início nossa proposta é interpretar as análises históricas inauguradas pelo filósofo, sobre o discurso da sexualidade, evidenciando os aspectos, tanto arqueológico, referente ao modo de investigação presente em seus primeiros

² "O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são o mero lingüístico ou formais, mas reproduzem um certo número de condições historicamente determinada (por exemplo, a grande separação entre razão/desrazão): a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas." (JUDITH, 2005, p. 37).

escritos, quanto genealógico presentes nos seus derradeiros escritos e caracterizado pela ênfase à problemática do poder.

Por fim, a segunda seção da presente monografia tratará do que Foucault concebe por sexualidade, a saber, por uma construção discursiva oriunda das relações de poder. Além do mais, apontaremos nesse capítulo a análise crítica feita á hipótese repressiva, ao defendermos o ponto de vista, em que Foucault refuta a ideia de que sobre o sexo paira uma repressão, que proíbe e controla a livre circulação dos discursos sobre sexualidade. Ora, na medida em que a repressão se apresenta como um mecanismo aparente, Foucault afirma haver uma incitação aos discursos sobre sexo, que devidamente articulados sustentam a emergente “scientia sexualis”, ou ciência do sexo, caracterizada como um dispositivo e sexualidade.³

³ "O termo "dispositivos" aparece em Foucault nos anos 70 e designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder. A partir do momento em que a análise foucaultiana se concentra na questão do poder, o filósofo insiste sobre a importância de se ocupar não "do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos do Estado, das ideologias que o acornpanham", mas dos mecanismos de dominação: é essa escolha metodológica que engendra a utilização da noção de "dispositivos". Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes: é assim que Foucault chega a falar, segundo o caso, de "dispositivos de poder", de "dispositivos de saber", de "dispositivos disciplinares", de "dispositivos de sexualidade" etc." (JUDITH, 2005, p. 39)

1 SOBRE A VONTADE DE SABER E A ANALÍTICA FOUCAULTIANA DE SEXUALIDADE

A *Vontade de Saber* apresenta um projeto divulgado por Michel Foucault sobre a *História da Sexualidade*⁴. É neste primeiro volume da *História da Sexualidade* que podemos perceber o cunho mais amplo, mais geral dos elementos e das questões suscitadas pelo filósofo, que de forma bastante peculiar, inaugura um panorama no qual suas ideias críticas estão contidas e em qual direção poderão ser desenvolvidas. É com esta obra que Foucault nos convida a introduzir uma maneira distinta de se pensar a sexualidade, a saber, no seu trajeto e contexto históricos os quais se inserem na ordem da proliferação ou de repressão dos discursos além de refleti-la na sua relação, um tanto desconhecida por nós, com o poder. Dessa forma, ao analisar a sexualidade, na qualidade de objeto histórico, Foucault percebe e marca pontos que junto a esta dita sexualidade estão imbricadas relações de poder, ou melhor, dizendo, se pudermos nos expressar de modo diferente; se existem discursos da sexualidade é, portanto um acordo das suas práticas porque esses foram possibilitados e construídos, pelas relações desiguais de poder. Assim, é a partir da vontade de saber que trataremos da sexualidade enquanto discursos, enunciados e conceitos para que possamos então entendê-la no modo em que se encontra submetida às relações de poder que possibilitaram a constituição de um saber sobre o sexo.

182

De acordo com Foucault, o conceito de sexualidade vem sendo tratado, seja por teóricos, cientistas ou filósofos sempre e fundamentalmente pelo viés de repressão. Afirmando que as teorias sobre a sexualidade que despontam o século XIX afirmam que desde o século XVIII, sobretudo, com a ascensão da sociedade burguesa e o desenvolvimento do Capitalismo, instaurou-se como problemática resultante desse novo tipo de sociedade a chamada como “Idade de Repressão”. A partir de então a sexualidade é confinada, controlada e

⁴ A obra como um todo se divide em três tomos: o primeiro é *A vontade de saber*, o segundo *O uso dos prazeres* e o terceiro *O cuidado de si*.

dominada por intermédio de proibição, e assim, novas maldades são impostas e a lei toma por base, o padrão do casal dito legítimo e que procria. Em contrapartida, a sexualidade analisada por Foucault, enquanto discurso, é tratada enquanto um fenômeno vinculado a incitação e não, a repressão. É através disto que podemos perceber que Foucault realiza um rompimento ao estudar a História da Sexualidade, ou seja, rompe com as tradicionais teorias que até então interpretavam o sexo estritamente ao nível de repressão, ou seja, da sexualidade ao nível do método freudiano da psicanálise. Desta forma, Foucault rejeita toda e qualquer forma de tese repressiva, pondo em prática deste modo uma série de estudos a respeito das relações históricas entre o discurso sobre o sexo e as articulações do poder.

É necessário deixar bem claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos - proibições, recusas, censuras, negações - que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 1988, p. 18-19)

1.1 OS ASPECTOS DO PROJETO FOUCAULTIANO

A História da Sexualidade apresenta em seu primeiro volume, intitulado *A Vontade de Saber*, apresenta os aspectos, tanto arqueológicos quanto genealógicos em relação às pesquisas de Michel Foucault. Mas o que tal afirmação quer dizer? Quer dizer que a análise desta obra, produzida por Michel Foucault, sobre o caráter discursivo da sexualidade, é caracterizada como um marco de transição do pensamento desta filosofia, pois aproxima elementos tanto da perspectiva arqueológica, adotados nos primeiros escritos: *A História da Loucura* (1961), *O Nascimento da Clínica* (1963), *As Palavras e as Coisas* (1966) e *Arqueologia do Saber* (1969), quanto no genealógico, presente nos escritos relativos aos mecanismos do poder: *Vigiar e Punir* (1975) *Microfísica do*

Poder (1979) e o volume I da *História da Sexualidade*, intitulado *A vontade de saber* (1976). Dessa forma, o roteiro filosófico foucaultiano perpassa por uma metodologia específica que procura em sua investigação uma complementação entre filosofia e história. Para uma melhor compreensão, Foucault usa a arqueologia e a genealogia. O motivo pelo qual atribuímos a *Vontade de Saber*, um perfil, um tanto assim arqueológico-genealógico é pelo fato de encontramos no decorrer do percurso de nossas pesquisas, fortes vestígios e evidências de que a análise sobre o discurso da sexualidade, também faz uso do método investigativo de ordem historiográfica. Como são os já mencionados arqueológicos e genealógicos. A arqueologia enfoca o método filosófico marcado na investigação da História. O termo História tomado por Foucault se distingue fundamentalmente da concepção tradicional atribuída a esta disciplina. Ou seja, a História convencional, segundo Foucault, se caracteriza por narrar, senão interpretar os fatos notáveis ocorridos numa dada sociedade, por via de sucessão contínua de eventos e ações, determinando assim a origem, o aperfeiçoamento e o progresso dos acontecimentos. Trata-se da descrição dos discursos, porém não é qualquer discurso, mas aqueles considerados em últimas instâncias a afirmar e condicionar uma verdade, cujo potencial regula, controla e opera enunciados, no caso, o enunciado da sexualidade.

Com a arqueologia o que Foucault pretende é a exposição, senão a denúncia, das práticas que geram determinados discursos, ou o que ele chama de práticas discursivas. As práticas discursivas atravessam e não é atravessado por um saber que perpassa os diversos níveis e estruturas institucionais, criando possibilidades de readequação ao do contexto, através da atualização do discurso, partindo das condições abertas no campo. Elas se caracterizam de algum modo como elo entre discurso e prática. No entanto, elas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos, mas são apenas conjuntos de esquemas de difusão e de transmissão. No decorrer de sua análise arqueológica sobre a *História da Sexualidade*, Foucault se dá conta de que a história tradicional elabora somente, os fatos ocorridos de determinadas épocas como acontecimentos fechados ao um pequeno círculo, em uma época determinada inerentes à uma contínua e progressiva causalidade. Tendo em vista a

arqueologia, Foucault procura fazer um novo modo de se realizar a problematização sobre essa história dos saberes, qual seja a descrição do método oferecido para se dar as nossas declarações, ou melhor: quais as normas historicamente percebidas que afirmam e nos conduzem a uma verdade produzida sobre a nossa experiência da sexualidade?

A sua preocupação está concentrada na descrição dos discursos, não, porém qualquer discurso, mas aqueles considerados científicos e mais particularmente a questão, a saber, a buscar o estudo sobre as relações humanas como objeto em que o homem coloca implícito nos seus discursos. Trata aqui de se buscar não só origem ou seu sentido secreto, mas as condições de sua emergência, analisando as regras que dirige seu surgimento, seu andamento, e sem dúvidas suas mudanças e de repente seu desaparecimento de determinada época. Limitando, porém os discursos fazendo-o só em determinadas épocas. A arqueologia tem o propósito de descrever a constituição do campo, entendendo-o como uma rede, formada na inter-relação dos diversos saberes ali presentes. É exatamente nesta rede, pelas características que lhe são próprios, que se abre o espaço de possibilidade para emergência do discurso.

Foucault faz com seu método arqueológico uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade à medida que nos sujeitos do conhecimento constituímos. O interesse arqueológico desenhado por Foucault não é atingir o fundo último do saber, nem a constituição última do mundo, nem da certeza e a verdade do conhecimento, mas sua pretensão está na margem da prática discursiva onde delimita os arquivos a serem conhecidos pelo registro da multiplicidade de eventos desses objetos. O termo arquivo representa, portanto, o conjunto dos discursos realmente pronunciados numa dada época, os quais continuam a existir através da história. Para Foucault, isso implica, antes de tudo, um trabalho de reunião do arquivo geral da época escolhida, ou seja, de todas as marcas discursivas suscetíveis de permitir a reconstituição do conjunto das regras. A história que o arqueólogo quer trabalhar é de como as diferentes instituições como a filosofia, a economia, a ciência e a política,

através de suas relações e os processos sociais, podem dar lugar a tipos definidos de discursos.

A tarefa do arqueólogo é descrever, em termos teóricos, as regras que regem as práticas discursivas. Colocando a verdade e a seriedade entre parênteses. O arqueólogo opera num nível que é livre das influências das teorias e das práticas que estuda. Qualquer inteligibilidade encontrada, ela descobre entre objetos com os quais não está de modo algum envolvido. Diferentemente das teorias que ele estuda, sua teoria se desenvolve independente dos limites institucionais, teóricos e até mesmo epistemológicos. (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 114).

Tendo por base e nos aproximando dos aspectos arqueológicos concebidos ao início do projeto de Foucault, é necessário também nos ater ao outro aspecto que atribuímos à *Vontade de Saber*, o já mencionado aspecto genealógico, o que nos resta, portanto é questionar: em que consiste o método genealógico proposto por Foucault? A genealogia é um dos métodos usado por Michel Foucault em algumas de suas obras. Ela significa um grande avanço em seu pensamento e, sobretudo no rumo da filosofia contemporânea, uma vez que simboliza uma transição de um modo de pensar mais o campo do discurso que diz respeito à arqueologia para um modo de análise em torno das práticas, das instituições e, sobretudo as relações de poder.

186

A genealogia estuda a formação dos discursos relativos aos limites do controle. Foucault tenta discernir os mecanismos existentes entre os dois pontos de referências: as regras do direito que delimitam formalmente o poder e, por outro lado os efeitos de verdade que este poder produz. Fazendo sempre uma ontologia histórica de nossa submissão em relação ao campo do *poder* por meio do qual nos constituímos em sujeitos que agem sobre os demais. Nos quais, a produção de saberes dado como verdadeiros, ou seja, o Saber e Poder estão aqui em articulação com a produção da Verdade.

Para Foucault a “verdade” não era uma coisa única, idêntica por toda parte. “Creio demais na verdade para não supor que haja verdades diferentes e diferentes maneiras de dizê-la”. As conferências sobre a *parrhesia* elaborariam essa distinção entre diferentes tipos de verdade e diferentes maneiras de dizê-la. Assim, ele introduziu uma grande distinção entre dois tipos de indagações fundamentais que os filósofos haviam formulado no tocante à verdade. (RAJCHMAN, 1993, p. 145).

Sob a influência do pensamento nietzscheano é que Foucault tem em vista a genealogia do poder a partir da obra *Genealogia da Moral* escrita por

Nietzsche que propõe o caráter geral de um retorno, ou de uma releitura histórica crítica dos valores morais de nossa tradição ocidental, que até então se encontravam em um regime da cultura judaica/cristã. De fato, não é o caso somente do resgate ou a reformulação da genealogia que Foucault, de certa forma, homenageia Nietzsche, mas também com a noção de poder.

Diante do que foi exposto como podemos perceber a genealogia, assim como a arqueologia, toma por base a dimensão histórica como lugar para se compreender as distintas formas de discursos que se proliferaram no percurso da sociedade ocidental. No entanto, essas duas formas de olhar ou reconstituir o passado não pretendem desenvolver ou interpretar uma história linear, estável, contínua e progressiva dos discursos, daí a crítica à História no sentido tradicional, mas sim, quer restaurar ou descrever a história em seu caráter múltiplo e descontínuo, com suas diversas nuances e constantes oscilações.

Ora, a história da sexualidade se configuraria dessa maneira, como enuncia Foucault nas primeiras páginas da vontade de saber:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscuridade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Contudo é a partir dessas palavras que Foucault introduz sua crítica ao que vem a ser a ciência do sexo, ou como o próprio autor chama; *scientia sexualis*. Termo este que será mais bem estudado por mais adiante no próximo capítulo, mas que de antemão já apontamos que Foucault nos revela que a ciência do sexo ou as sexologias que deportam no século XIX, inscrevem o sexo numa perspectiva científica e moldado pela repressão. Toda a crítica foucaultiano e tirada ao perceber que os discursos emergentes sobre a questão do sexo e da sexualidade estavam relacionados e esboçados a partir das

relações de poder. É com esse pensamento e consenso, a saber, essa associação entre poder, saber e sexualidade que o livro *A Vontade de Saber* foi desenvolvido. A genealogia busca a origem dos saberes, ou seja, da configuração de suas positivities, a partir das condições de possibilidades externas aos próprios saberes: ou melhor, considera-os como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica. Procura-se a explicação dos fatores que interferem na sua emergência, permanência e adequação ao campo discursivo, defendendo sua existência como elementos incluídos em um dispositivo político.

Nesta linha de pensamento, cabe citar o livro *Microfísica do poder*:

As genealogias não são, portanto retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mais anti-ciências. Não que reivindicuem o direito lírico à ignorância ou ao não saber; não que se trate da recusa de saber ou de ativar ou ressaltar os prestígios de uma experiência imediata não ainda captada pelo saber trata-se da insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos do poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (FOUCAULT, 2007, p. 171)

188

É notável que a genealogia de alguma forma busque um poder de maneira a romper o condicionamento dado a determinados interesses, já que sempre foram mascarados, atendendo a interesses diversos distintos da verdadeira essência do saber. Não que o saber seja uma força negativa, mas a distinção dada ao seu poderio faz das instituições, instrumentos de manobra do coletivo social, dessa forma advêm a ideia da quebra do poder centralizador.

Foucault em uma passagem de 1976 declarava a respeito do seu segundo momento de trajetória, ou seja, os seus aspectos genealógicos:

O que tentei investigar, de 1970 até agora, *grosso modo*, foi como do poder; tentei discernir os mecanismos existentes entre os dois pontos de referencia, dois limites: por um lado, as regras de direito que delimitam formalmente o poder e, por outro, os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no. (FOUCAULT, 2007, p. 179).

Tendo em mente do que já foi elaborado e exposto acerca da genealogia e anteriormente sobre a arqueologia, enquanto aos aspectos presentes no pensamento de Foucault faz-se inevitável uma tentativa de encadear, ou de

modo mais simples, de costura desses conceitos, tendo em vista evidenciar que tanto a arqueologia quanto a genealogia traduzem um estilo e um processo de construção da escrita foucaultiano, ou seja, ao pontuarmos essa transição percebemos que ela diz respeito ao trajeto teórico percorrido por Foucault para elaborar suas investigações.

Assim, arqueologia e genealogia se distinguem ao mesmo tempo em que guardam, de certo modo, a mesma natureza e o mesmo teor. Mas de uma vez Foucault afirma que os propósitos explícitos nos escritos da fase genealógica já estavam presentes, mas não percebidos, nos primeiros escritos. Mas adverte também que uma mudança ocorreu na condução das análises. “Enquanto a arqueologia” escreve ele “é o método para análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”. Poder-se ai dizer que a arqueologia é como englobada e ampliada na genealogia e que, enquanto a arqueologia efetua análise descritiva veiculando uma denuncia, a genealogia constrói uma política de resistência e de luta. (MUCHAIL 2004, p. 15)

Portanto é desta resumida explicação que compreendemos e designamos o duplo aspecto do projeto foucaultiano, presente, sobretudo na *vontade de saber*.

1.2 UMA ANÁLISE EM TORNO DO DISCURSO DA SEXUALIDADE

Levando em consideração o que já foi exposto até então, como uma espécie de preliminar ou contexto no qual o pensamento de Michel Foucault se encontra em repouso, e que de alguma forma é base para desenvolver nossa pesquisa, partiremos agora para particularidade de uma investigação sobre a construção do discurso da sexualidade.

No entanto, podemos partir do pressuposto de que a história da sexualidade contada por Michel Foucault não se sustenta a partir de um encadeamento harmônico do que já se tem dito sobre o sexo. Seu propósito, ao contrario, é lançar mão de um olhar crítico sobre o que se tem relatado e escrito acerca de uma sexualidade, no percurso histórico do homem ocidental, recusando assim, uma mera repetição dos fatos é uma exaltação das teorias já existentes sobre esse tema. O fato é que Foucault está longe de ser o primeiro a ter se debruçado sobre esse assunto e proposto uma reflexão a respeito do que seja o sexo, entretanto, parece ser no entanto primeiro em fazer uma

analítica do que diz respeito ao saber sobre o sexo, desvencilhando-o das amarras da tradicional repressão.

O alvo das críticas foucaultianas o discurso moderno sobre a sexualidade o qual afirma que sobre o sexo tem originado grandes debates, em meio à repressão o que proíbe a circulação livre desse assunto, distanciando o indivíduo, cada vez mais, e uma possível liberdade sexual. Foucault está em defesa de uma nova perspectiva de se pensar a sexualidade, a saber, um molde que possa mediar os discursos sobre a sexualidade humana, construído e possibilitado por relações de poder.

Em suma, gostaria de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia de escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos); gostaria de fazer a história dessas instâncias e de suas transformações. (FOUCAULT, 1988, p. 19)

É através desta passagem que traduz um pouco, do que seria a abordagem diferenciada trazida por Foucault sobre o que atravessa o discurso da sexualidade, qual, seja a recusa da compacta repressão, em favor da intensa propagação dos discursos. Nas palavras de Michel Foucault, “não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outro ponto de vista e para obter outros efeitos.” (FOUCAULT, 1988, pg. 33). Não se deve calar sobre sexo, se deve é falar. A partir daí, o sexo começa a ser colocado enquanto discurso, é, sobretudo discurso científico, é não enquanto silêncio proveniente da repressão. É nessa direção que o conteúdo e a proposta presentes no livro *A Vontade de Saber*, seguindo numa direção contrária, do corte, da ruptura do que até então se concebia, quando a questão é o sexo. *A vontade de saber* que Foucault quer denunciar está no fato de que os discursos são incitados e não reprimidos, são incitados por instituições ou nas relações sociais e familiares.

Ora, a análise dessa vontade de saber é timidamente lançada num curso elaborado por Foucault no Collège de France, cuja introdução diz:

O curso deste ano inaugura uma série de análises que, fragmento por fragmento, procura constituir pouco a pouco uma “morfologia da vontade de saber”. Esse tema da vontade de saber será analisado ora através de pesquisas históricas determinadas, ora por si mesmo e em

suas implicações teóricas. Este ano, tratava-se de situar o seu papel numa história dos sistemas de pensamento; de fixar, ao menos provisoriamente, um modelo inicial de análise; de provar sua eficácia através de um primeiro conjunto de exemplos. (FOUCAULT, 1997, p. 11).

Por isso, que Foucault trata a repressão por via da hipótese, da probabilidade, uma vez que para ele o que existe e serve de fundamento sobre o sexo é um dispositivo que se constitui e se expande a partir do que é dito e incitado a dizer, e não a partir da proibição que gera o silêncio.

Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, à vontade. Examinai, também, com exatidão todos os vossos sentidos,... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento... Enfim, não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve. (FOUCAULT, 1988, p. 25-26).

A proposta de Foucault é denunciar para seu leitor que todo esse arranjo em torno do sexo, para que dele se fale cada vez mais, é fabricado e alimentado por essa vontade de saber que além de ultrajante é intencional e dominadora. Precisamos entender que essa vontade de saber que nos perturba a mente, é anterior ao que concebemos e percebemos, historicamente por repressão. Enquanto esse querer saber para Foucault o interessa, é mais que isso, o saber está envolvido com relações de poder, que por sua vez possibilita e dá força os discursos. O fato observado por este filósofo é que a história da sexualidade tem sido contada, somente a partir do viés repressor que as relações de poder exercem contra o saber sobre o sexo, e por conta disso, fala-se somente do sexo por via de repressão, e que além do mais, buscamos por uma libertação sexual.

A sexualidade é um dispositivo histórico; não se trata de uma sexualidade subjacente sobre a qual seriam exercidas repressões, mas uma grande rede em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, o esforço dos controles e as resistências encadeiam-se uns aos outros conforme grandes estratégias de saber e de poder. (DÍAZ, 2012, pg. 133-134).

O que Foucault está em defesa é que se faz necessário reescrever, ou melhor, descrever, uma história da sexualidade, levando em consideração que não é a repressão que fundamenta os discursos sobre o sexo, mas sim, a incitação e a multiplicação deste. Somente assim estaríamos mais próximos de um olhar crítico acerca da sexualidade, como Foucault propõe na *A vontade de saber*.

2 O DIREITO DE MORTE E PODER SOBRE A VIDA - SEXUALIDADE E BIOPOLÍTICA

Ainda em *A história da Sexualidade*, Foucault descreve que durante muito tempo o poder da vida e morte esteve nas mãos do poder soberano. Segundo Foucault a partir do século XIX a tarefa da soberania é de se encarregar sobre o direito à vida e da necessidade de produzir mecanismos de regulação contínua e de correção de toda forma de vida e de manter uma sociedade normatizada. Nesse período, a vida se torna tanto objeto quanto o projeto das relações de poder: na genealogia econômica, demográfica e política dessa nova maneira de governar os homens à qual Foucault se entrega, insistindo, então Foucault analisa os diferentes tipos de poder exercidos na história e sua relação com o desenvolvimento de mecanismos ou tecnologias de governo da vida.

E talvez se devesse relacionar essa figura jurídica a um tipo histórico de sociedade em que o poder se exercia essencialmente como instância de confisco, mecanismo de subtração, direito de se apropriar de uma parte das riquezas: extorsão de produtos, de bens, de serviços, de trabalho e de sangue imposta aos súditos. O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la. (FOUCAULT, 1988, p. 128).

192

Quando o poder toma a vida como alvo o biológico e o histórico, esses se ligam de maneira indissociável. Quando o poder passou a ser sobre a vida, ou seja, passou a se organizar sobre a gestão da vida, tudo na vida passou a ser político, sobretudo a sexualidade que é foco de tantas disputas discursivas. O poder sobre a morte é soberano em governar a vida dos súditos. Nessa perspectiva, o soberano tem legitimidade para decidir sobre a morte de seus subordinados.

Poderia ter tomado, em outro nível, o exemplo da pena de morte. Por muito tempo, ela foi, juntamente com a guerra, a outra forma do direito de gládio; constituía a resposta do soberano a quem atacava sua vontade, sua lei, sua pessoa. Os que morrem no cadafalso se tornaram cada vez mais raros, ao contrário dos que morrem nas guerras. Mas foi pelas mesmas razões que estes se tornaram mais numerosos e aqueles mais raros. (FOUCAULT, 1988, p. 128).

As semelhanças com o conceito atual no que dizem respeito ao que compete a força jurídica, os súditos poderiam ser consideradas pequenas em função da ausência de capacidade de decisão sobre a própria vida. Baseado nessa proposição, o suicídio seria uma forma de emancipação, ou seja, torna-se independente. No entanto mesmo podendo decidir a morte dos súditos, o soberano não os conduzia diretamente na forma de levar a vida.

2.1 O PODER SOBERANO E O DIREITO SOBRE A VIDA

Desde a época clássica, o confisco da vida deixa de ser o principal mecanismo de poder, dando espaço à gestão da vida em si como foco do exercício de poder em defesa da sobrevivência de determinada população. A ação direta na conduta humana passa a ser o fundamental mecanismo de poder. Em vez da espada do soberano a guerra em nome do Estado, consolidado num poder de morte ampliado, múltiplo, mas em nome da sobrevivência de um povo a partir do extermínio ou dominação de outro. Diante disso, o suicídio seria também uma forma de independência, não em relação ao soberano, mas ao controle do Estado e da sociedade. Sendo assim uma resistência ao poder controlador através da eliminação do objeto de intervenção do poder: a própria vida.

Foi à vida, muito mais do que o direito, que se tornou o objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O "direito" à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades, o "direito", acima de todas as opressões ou "alienações", de encontrar o que se é e tudo o que se pode ser, esse "direito" tão incompreensível para o sistema jurídico clássico, foi à réplica política a todos esses novos procedimentos de poder que, por sua vez, também não fazem parte do direito tradicional da soberania. (FOUCAULT, 1988, p. 136).

Segundo Foucault, há um pressuposto que a partir do século XVIII, surgiu uma proliferação de discursos sobre sexo. Para ele foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos, através da igreja, da escola, da família, do consultório médico. Essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual; visavam o controle do indivíduo e da população. É suposto que se deve falar de sexo, mas não apenas como uma coisa que a ser tolerada, mas a ser gerida e inserida para o bem de todos, fazê-lo funcionar. "O sexo não se

julga apenas, mas administra-se”. A sexualidade é de certo modo administrada pelo estudo através das políticas públicas de controle de natalidade por exemplo.

Ao longo de todas as grandes linhas em que se desenvolveu o dispositivo de sexualidade, a partir do século XIX, vemos elaborar-se essa ideia de que existe algo mais do que corpos, órgãos, localizações somáticas, funções, sistemas anátomo fisiológicos, sensações, prazeres; algo diferente e a mais, algo que possui suas propriedades intrínsecas e suas leis próprias: o "sexo". (FOUCAULT, 1988, pg. 142).

O indivíduo moderno, racional, dono de si, centro do universo e do ordenamento jurídico, vive uma crise. Aparenta ao mesmo tempo em que busca transcender todos os seus limites, orgânicos, intelectuais e de valores, toma consciência de sua migalha individual. Essa imprecisão pode ser mais bem compreendida quando se olha com maior atenção para o significado dos avanços da biotecnologia. Está além das promessas de um mundo melhor, o que a tecnociência põe em xeque são questões tradicionalmente entendidas pela humanidade como sagradas e inevitáveis, como a vida e a morte. O direito de viver e a certeza de morrer ganharam nova configuração em uma era de perímetros pós-humanos. O aviso para um futuro próximo da recriação dos conceitos de vida e morte exigem, a partir deste momento alguma reflexão por parte dos juristas.

194

Ora, a partir da época clássica, o Ocidente conheceu uma transformação muito profunda desses mecanismos de poder. O "confisco" tendeu a não ser mais sua forma principal, mas somente uma peça, entre outras com funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de organização das forças que lhe são submetidas: um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las. Com isso, o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função de seus reclamos. Essa morte, que se fundamentava no direito do soberano se defender ou pedir que o defendessem, vai aparecer como o simples reverso do direito do corpo social de garantir sua própria vida, mantê-la ou desenvolvê-la. Contudo, jamais as guerras foram tão sangrentas como a partir do século XIX e nunca, guardadas as proporções, os regimes haviam, até então. (FOUCAULT, 1988, p. 128 a 129)

De acordo com Foucault, dois procedimentos do poder caracterizam a modernidade como uma época em que "o velho direito de causar a morte ou deixar viver -que delinearía o poder nas sociedades não classicamente modernas - deixa a cena principal em favor de um poder de "causar a vida ou devolver à morte". Dessa, "anátomo-política do corpo" e "biopolítica da

população" revelam um poder que se exerce. Para ele, de forma positiva, o poder desencadeador de forças que não mais se exercem tendo como alusão a morte (a punição através do direito do soberano de condenar à morte, quase que como uma única peça legislativa), mas forças que se exercem em função da gestão da vida. Segundo Foucault a modernidade, é a época em que o poder investe no "corpo" vivo.

Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver à morte. Talvez seja assim que se explique esta desqualificação da morte, marcada pelo desuso dos rituais que a acompanhavam. A preocupação que se tem em esquivar a morte está menos ligado a uma nova angústia que, por acaso, a torne insuportável para as nossas sociedades, do que ao fato de os procedimentos do poder não cansarem de se afastar dela. Com a passagem de um mundo para o outro, a morte era a substituição de uma soberania terrestre por uma outra, singularmente mais poderosa; o fausto que a acompanhava era da ordem do cerimonial político. Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação; a morte é o limite, o momento que lhe escapa; ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais "privado". (FOUCAULT, 1988, p. 130).

Para Foucault, o sexo é a aproximação, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. Somos favorecidos dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações. Por esse motivo, no século XIX, tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível organiza-la. Nas análises foucaultianas a vida aparenta estar, nos dias atuais, no centro de uma sucessão de trabalhos inspirados em suas investigações.

2.2 A SEXUALIDADE EM MEIO À CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

No que diz respeito à originalidade do pensamento de Michel Foucault, a sexualidade pode ser evidenciada a partir de uma de suas constatações fundamentais, a saber, que no decorrer da história do homem ocidental o discurso sobre o sexo não esteve com precisão ligado ao segredo, ao silêncio, e nem muito menos à repressão, como afirma um dos principais teóricos alvos das críticas foucaultiana, Sigmund Freud em suas teorias científicas, que despontam no século XIX. Mas o que se pode evidenciar sobre o sexo, a princípio, é uma espécie de estímulo ou incitação, para falar-se dele, e especialmente, falar do modo mais detalhado. Ou seja, com Foucault

percebemos que o século XIX é sim, um momento histórico, em que o discurso científico sobre o sexo ganha fôlego e impulso.

A análise foucaultiana, da qual tratamos aqui, é a de que não existe um sexo verdadeiro a ser propagado ou libertado, mas sim, que o conceito que emerge sobre a sexualidade, embora a proposta inovadora de se pensar as formas de prazer, não escapa das normas de uma construção discursiva resultante das relações de poder com o saber, constituído assim, um dispositivo chamado sexualidade. O que existe, portanto, segundo Foucault a partir do século XIX é a normalização da sexualidade posta em prática na sociedade através dos dispositivos.

A sexualidade vista sob o olhar foucaultiano ultrapassa os moldes da hipótese repressiva, que se caracteriza por investigar por qual determinante ou causa somos reprimidos sexualmente. Hipótese repressiva é bom frisar é a freudiana. Para Foucault, nossa sexualidade não é reprimida, mas sim produzida por dispositivos disciplinares. E esse é o ponto crucial de nossa análise: compreender, ou nos aproximar, de uma maneira das amarras da censura como habitualmente se tem pensado. É importante que se esclareça e ressalte que apesar de Foucault rejeitar a tese repressiva, ou seja, a ideia de uma repressão, que rodeia a sexualidade, ele aceita que se poderia falar da sexualidade somente para reprimi-la, ou seja, desde que haja uma depuração dos discursos quando a questão é a nossa sexualidade. Tudo o que se enuncia sobre a sexualidade, a partir de então, passa pelo crivo da família, da escola e da ciência, e uma série de normas e regras são instauradas, a fim de que o sexo seja encerrado de circulação social.

Não penso tanto aqui, na multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do poder: incitação institucional falar do sexo e a falar cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvi falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma de articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (FOUCAULT, 1988, p. 24).

Deste modo, o discurso sobre o sexo, que se torna um fenômeno na Idade Média, período em que ocorre uma crescente fermentação e valorização desses discursos, que ganha espaço nesta época. Desta forma, o homem ocidental se

vê então, obrigado a declarar seus prazeres, a descrever suas preferências sexuais. A sexualidade, portanto, é constituída a partir do que enunciamos sobre nossos gostos e, por conseguinte sobre nós mesmo. Daí a crítica foucaultiana de que há, somente, uma repressão sexual, mais o que acontece também e, sobretudo num grau, mas acentuado, é que somos instigados a afirmar o que motiva nosso gozo. Vivemos instigados a falar sobre o que tem de mais íntimo e somos classificados por nossas práticas em relação ao prazer. Estamos normais no sentido de dentro das normas e dos dispositivos de sexualidade.

Apesar disso, Foucault defende que, apesar de o sexo ser proibido, mascarado ou desconhecido desde a época clássica, a sua interdição não é um dos elementos fundamentais e constituintes a partir dos quais é possível dizer como o assunto era abordado a partir da Idade Moderna. Conforme as décadas foram avançando, vê-se uma explosão discursiva acerca da sexualidade. A cada ano, aumenta o número de pessoas falando sobre o assunto de forma aberta e tratando o ato sexual de maneira mais liberada. Aos poucos, foi-se definindo quando, como e com quem se podia falar dele. Um exemplo é a forma como as confissões católicas definiam o que se deveria falar ao padre: a coisa mais primordial era, justamente, as estripulias carnais. O que na Idade Moderna vai sendo substituído pela figura do psicanalista, aquele que ouve “as confissões” ou “neuroses” do sujeito.

A história do homem ocidental ao longo dos três últimos séculos falou sobre a penitência e, sobretudo, a instituição religiosa que foi a primeira a tomar cabo não só de nossas infrações, mas também de nossos deleites e sensações mais íntimas. O falar gratuitamente sobre o sexo em meio social era proibido pelas “instituições de poder-saber”. Neste contexto as instituições de poder-saber são dentre tantas; a escola (instituições pedagógica), a família, a igreja, a ciência (em especial a medicina). Essas instituições queriam, obrigavam, insinuavam que o indivíduo se descompôs-se diante de vossas senhorias.

O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si

mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder. Em todo caso, além dos rituais probatórios, das cauções dadas pela autoridade da tradição, além dos testemunhos, e também dos procedimentos científicos de observação e de demonstrações, a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessada. A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama. Faz-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. (FOUCAULT, 1988, p. 67-68)

A sexualidade estabelece uma verdade sobre o homem, por ser da ordem do saber e do poder. Para Foucault, toda força é ativa e reativa ao mesmo tempo, assim se dispõe o poder, sendo assim uma de suas manifestações. Sua constituição é como toda produção humana, através dos discursos, do silêncio e das práticas. Ela está presente em nossas vidas, fazendo com que seja revista a forma do segredo. A sexualidade é aquilo que está presente em todas as partes, mas que não se nomeia.

Segundo Foucault, é característico de nossas sociedades, por um lado, o convite a falar do sexo por parte dos discursos médico, pedagógico, psicanalítico, religioso e, por outro, apresentá-lo como enigma inquietante que demanda a reserva. Para Foucault, falar tanto do sexo quanto montar dispositivos insistentes para falar dele, porém sob condições restritas, constituem a prova de que se trata de um segredo e de que se busca, sobretudo, conservá-lo, assim não se pode esquecer que a pastoral cristã, ao fazer do sexo aquilo que deve ser confessado por excelência apresentou-o sempre como enigma inquietante para dominá-lo. O sexo é extensivo a cada cultura, ou a cada época com maneira diferente de transmissão. O segredo que supõe sobre o sexo não está ligado ao elevado preço do que diz, nem ao pequeno número de que merecem receber seus benefícios, mas a sua obscura familiaridade.

“O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo.” (FOUCAULT, 1988, p. 42). É através disto que podemos perceber que Foucault realiza um rompimento ao estudar a

história da sexualidade, ou seja, rompe com as tradicionais teorias que até então, interpretavam o sexo estritamente ao nível de repressão. Desta forma, ele afirma rejeitar toda e qualquer forma de tese repressiva pondo em prática deste modo uma série de estudos a respeito das relações históricas entre discurso sobre o sexo e as articulações do poder. Segundo Foucault, em uma entrevista intitulada “Sexo, poder e a política da identidade” em *Ditos e Escritos* Volume IX:

A sexualidade faz parte de nossas condutas. Ela faz parte da liberdade de que gozamos neste mundo. Ela é algo que nós mesmos criamos, a sexualidade é de nossa própria criação, muito mais do que a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Devemos compreender que, com nossos desejos, através deles se instauram novas formas de criação; o sexo não é uma fatalidade ele é uma possibilidade de chegar a uma vida criadora. (FOUCAULT, 2014c, p. 251)

Foucault em seus estudos está fazendo a dinâmica entre poder-sexualidade. Percebe-se que ao lado das proibições figuram as “incitações, as manifestações e as valorizações”. Propõe uma mudança onde ocorre (proibição por produção) faz com o que seja possível considerar a totalidade dos dispositivos e recuperar a verdade acerca do poder e do sexo. Mas não é o caso de realizar a sociologia histórica de uma proibição, mas a história política de uma produção de verdade. Foucault faz uso da arqueologia para a busca de enunciados que, ao atravessar diferentes esferas, configuram discursos, e neste caso também aqui “enunciados” deve ser entendido em sentido arqueológico. A constituição do *Saber* sobre a sexualidade é gerada através de discussão e práticas não discursivas.

Portanto, mesmo que este por sua vez apresenta-se ou emerge táticas comuns e estratégias, que podem ser adversas, mas que constituem dispositivos e sendo este em ordem do *Poder*, é analisado pela genealogia, buscando o que pode haver de oculto nas relações de poder. No caso da sexualidade, insere-se fortemente a temática do oculto e do segredo; o que é próprio das sociedades modernas não é que tenham obrigado o sexo a permanecer na sombra, mas o fato de se obrigarem a falar sempre dele, elevando-o como segredo. A partir da era vitoriana, a sexualidade vira tabu: assunto proibido, cheio de mistérios, circunscrito às quatro paredes do quarto. O sexo e suas intimidades são confiscados pela família conjugal. Tudo que divisa com essa forma de

agrupamento humano começa a tratar o sexo como algo que não se deve mencionar ou praticar abertamente. Tudo se restringe à figura do casal, responsável pela procriação e, por isso mesmo, incumbido de ditar a lei que rege os seres humanos.

Essa repressão moderna do sexo se sustenta no fato de coincidir justamente com a época de desenvolvimento pleno do capitalismo. Assim, uma coisa justifica a outra: o trabalho sobrepõe o prazer, aprisionando-o ao fator da procriação. Ao mesmo tempo, como o sexo se torna tabu, a pessoa que fala abertamente dele ganha um status de transgressão deliberada. Essa pessoa desordena a lei e antecipa a liberdade das quatro paredes. Existe uma relação intensa entre poder e sexo. Quem domina o discurso aberto e transgressor passa a emanar uma autoridade interessante ao passo que aqueles que não se encaixam na lógica vitoriana da sexualidade e fogem à regra do que é considerado normal – família conjugal – viram fora-da-lei. A anormalidade sexual é tida, durante muito tempo, como anomalias que não devem só ser punidas, como também extintas.

200

Certos psicólogos, por exemplo, são pagos para “ouvirem falar da vida sexual dos outros”. Essa “hipótese repressiva” vem acompanhada de uma forma de pregação: a afirmação de uma sexualidade reprimida é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo. Foucault reflete a demagogia da sociedade que reprime a instância que a gera: a sexualidade. A partir daí, ele propõe questões como: se a repressão sexual é mesmo uma evidência histórica, como se afirma?

No entanto, não é que ele diga que o sexo não vem sendo reprimido; ele afirma que essa interdição não é o elemento fundamental a partir do qual se pode escrever a história do sexo, a partir da idade moderna. Ele coloca a hipótese repressiva numa economia geral a partir do século XVII. Mostra que todos os elementos negativos ligados ao sexo (proibição, repressão, etc.), têm função numa técnica de poder e numa vontade de saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A regulação sexual surge por conta da problemática econômica e política, daí essa necessidade de análise das taxas de natalidade, da instituição do matrimônio, a periodicidade na qual começam as relações sexuais, de modo a torná-las fecundas ou estéreis. O crescimento dos discursos sobre a sexualidade foi economicamente útil, e por esse motivo passaram a despertar as atenções de pedagogos e psiquiatras.

Por meio de diagnósticos médicos, clínica psiquiátrica, controle pedagógico, as famílias vigiam e reprimem as sexualidades - funcionando como uma mecanização da incitação: prazer e poder. “Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espia, investiga, revela; prazer de escapar desse poder. Poder que se deixa invadir pelo prazer a que persegue. Poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir” (FOUCAULT, 1998, p. 175). Prazer e poder reforçam-se.

Ao mesmo tempo, surgem diversas sexualidades periféricas, combatidas, porém, crescentes: atraem muita atenção, tanto dos códigos indulgentes, quanto da sociedade. Por fim, Foucault diz que é preciso abandonar a ideia de que as sociedades industriais iniciaram um processo de repressão intensa do sexo: segundo ele, há uma explosão visível de sexualidades heréticas e a garantia da proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas.

Foucault pode ser considerado grande criticista da vigilância escolar, enquanto instituição do discurso de verdade e poder. Na escola, os papéis sociais são construídos no intuito de dizer quem pode fazer determinadas funções. As limitações de gênero têm como exemplo o fato de que as meninas são mais direcionadas a desenvolverem habilidades literárias e artísticas, enquanto os meninos são orientados ao desenvolvimento da educação física e esportes. Segundo Foucault, nas escolas a disciplina é moldada a partir de uma distribuição dos indivíduos no espaço utilizando técnicas para obter um sujeito cada vez mais submisso.

O **dispositivo da sexualidade** foi o termo utilizado por Foucault para designar a forma na qual o poder tende a se modificar no final do século XIX e início do século XX **é compreendido como a região dominada pelo poder disciplinar que se entrelaça** estrategicamente ao controle individualizante e massificador. Acessar a individualidade pelo dispositivo de controle corporal, possibilita a regulação da população em massa sem a percepção dessa massificação. **Sexualidade e biopolítica se relacionam na medida em a padronização de papéis sociais passam a separar hierarquicamente homens e mulheres basicamente por determinação de gêneros.** A política de controle de natalidade também demonstra essa atuação de biopolítica principalmente sobre o sexo feminino, mas também aos homens com a ideia da escolha individual de cada um se proteger de si, do outro e das doenças, quando na verdade é o Estado controlando seu corpo, sua saúde, suas ideias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DAVIDSON, ARNOLD I. Arqueologia, Genealogia, Ética. In: **Cultura y sociedad**- Buenos Aires: Nueva Vision, 1988.

DÍAZ, Esther. **A filosofia de Michel Foucault**; tradução de Cesar Candioto. 1. ed.- São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

DREYFUS, HUBERT L. e RABINOW, PAUL. **Michel Foucault uma trajetória Filosófica; (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**; Trad. de Vera Porto Carrero. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Ética, sexualidade, Política. In: **Ditos e Escritos**; v.5 - Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.1997.

_____. **Resumo dos cursos do College de France: 1970-1982.** Rio de Janeiro: Jorge Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. 3. Ed. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade. In: **Ditos e Escritos**; v. IX; organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri- Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2014a.

_____. **Aulas sobre a Vontade de Saber: Curso no College de France (1970-1971)**. seguido de O saber de Édipo. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2014b.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. In: **Ditos e escritos, volume IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c. p. 251-263.

GALLO, Silvio; **Foucault e a destruição das evidências**. Organizado por Márcio Mariguela. Piracicaba- São Paulo. Ed. Unicamp.

GUIMARÃES, Diego. **A vontade de saber em Foucault: uma análise sobre a construção do discurso da sexualidade**. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012.

JUDITH, Revel. **Foucault: Conceitos Essenciais**. Trad. Maria Gregolin, Carlos Piovezanni e Milton Milanez - São Carlos: Ed. Claraluz, 2005.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, Simplesmente**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

RAJCHMAN, John. **Eros e Verdade: Lacan, Foucault e a questão da ética**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro; Ed. Jorge Zahar, 1993.

Recebido em: 04/2021

Aprovado em: 06/2021

